

# Seca amazônica faz rio sumir e ribeirão ir atrás de água



Casa flutuante encalhada em frente à cidade de Tefé, no médio Solimões, por causa da seca extrema que atinge a região. Lado da Almeida / Folhapress

## Rio seca na Amazônia, e ribeirinhos atravessam areia com água da cidade

Estiagem faz sumir igarapé Paraná de Tefé, no médio Solimões; moradores andam longas distâncias

Vinícius Sassine e Lalo de Almeida  
**TEFÉ (AM)** A fumaça que entra pela janela das casas em Manaus, impregnando tudo com o cheiro de queimado, é um dos principais sintomas da seca severa que atinge a Amazônia. Assim como de colagem de um pedaço de papel, os pilotos distinguem o que é Manaus e o que é Manaus dos incêndios.  
O enchimento agressivo de um lago — com o superaquecimento das águas, a formação de enormes bancos de areia, a limitação da navegação e a morte de animais como botos vermelhos e tucuzis — é outro símbolo da estiagem extrema na região.  
Mas nada se compara ao desaparecimento de um rio no município de Tefé (AM).  
A Folha esteve nesta quinta-feira (13) no igarapé Paraná de Tefé — um curso d'água caudaloso em tempos nor-

mais, via de navegação para barcos lotados de passageiros rumo ao rio Solimões e habitat de botos — e constatou que ele está morto.  
Na boca do rio Tefé, onde deságua, o igarapé virou um banco de areia, superaquecida por temperaturas também extremas. O vazio por corre seu curso íntero, passando por comunidades dependentes da abundância de água.  
Restaram, para as casas com mais sorte, alguns filetes de água, usados para matar a sede dos animais.  
Casas flutuantes já não flutuam. Motores já não bombeiam água. Sem o rio, as famílias das se viraram sem água para consumo. O mais frequente era retirar essa água do igarapé e abastecer lá a um tratamento e filtragem. Não há técnica que dê conta de tratar o filete de água carregado de sedimentos.  
Uma tentativa dos moradores é captar a água da chu-

va — a pouca chuva que existe nos dias de uma seca que já pode ser considerada histórica na região do médio rio Solimões, onde se estende como Tefé e Fonte Boa.  
O que é comum a todos os moradores dessas comunidades é a dependência da água que sai de torneiras públicas.  
A cidade de Tefé está próxima; são menos de 30 minutos pelo rio de mesmo nome, entre a boca do igarapé que não existe mais e o portinho do município. Mas as dificuldades são gigantes, mesmo num trecho curto.  
Os moradores das margens da Paraná de Tefé precisam carregar nos ombros os galões e garrafas cheios de água trazidos da cidade. Eles param os barcos até onde é possível, descem por um terreno além da imediatez — uma lama escorregadia — e acentram pela areia quente do que já foi fundo de um rio. O percurso pode se estender por 1,5 km.

Para as casas mais próximas do lago, a busca por água na cidade já ocorre em tempos normais.  
Não há falta d'água nessas casas, nem é comum o processo de tratamento e filtragem. Nas casas mais distantes, a cortina por água em Tefé passou a ser mais frequente, em razão do desaparecimento do igarapé, assim como no próprio Solimões.  
"Já são 40 dias assim. Está secando ainda", afirma o pescador e agricultor Raimundo Bezerra de Amaral, 59. Ele tem viva na memória a seca de 2010, a pior que se tem notícia na região. "Em 2010 foi pior no sentido de não ter ficado de água, nem para banho. Agora a gente tem um filete, para banho e para os bichos. Mas, em 2010, foram 25 dias assim. Agora já são 40".  
O rio Tefé segue baixando. Nesta quinta, segundo medição de pesquisadores que atuam na região, a altura di-



minuiu 6 cm. Nos dias anteriores, vinha baixando de 10 a 15 cm por dia.  
O renascimento da Paraná de Tefé, assim, pode demorar. A pesca não existe porque não tem água. O calor e a secura impedem coletas.  
"Enquanto medicina, milho, macacujá. Morre tudo. Queima tudo", diz Amaral. "Estamos vivendo mais da criação de galinhas".  
Na comunidade São Jorge, um pouco mais adiante, na mesma margem, as dificuldades para fazer a plantação vingar são as mesmas. "A gente planta hortaliça e vira-rua. Com essa seca, nada prospera", diz o agricultor José Nelson Macedo, 50. "A gente foge água e não presta. A medicina morreu toda. O que restou foi maxixe, feijão, batata e um pouco de cebolinha".  
Era ele que transportava os alunos para uma escola em outra comunidade. Isso já não ocorre há semanas, o barco não sai do lugar. Agora, com as aulas suspensas, o agricultor busca tarretas e entrega nas casas das crianças.  
A estiagem é um ciclo na Amazônia. Vem e vai todos os anos. Os ribeirinhos sabem que o igarapé Paraná de Tefé vai renascer, mas estranham o prolongamento da seca. A realidade se estende a diversas comunidades da região.  
Há-se aproximam de pontos de habus históricas, como no alto e médio rio Solimões, no baixo rio Negro (onde está Manaus) e no rio Madeira. A estiagem é tão severa que deve impactar a próxima, de 2024, segundo pesquisadores. As chuvas estão mais excessivas que em outros anos, na véspera, durante e na previsão para o pós estiagem.  
"Outro dia deu uma chuva grande. Agente apurou a água da chuva. Melhorou mais um pouco", diz Macedo.  
**Governo recomenda ficar em casa no AM**  
O governo Lula recomenda que a população no AM fique em casa para evitar a formação de incêndios, que ocorrem na região e levaram 25 municípios a decretarem emergência. A ministra Nísia Trindade (Saúde) via para Manaus na segunda (16). O Ministério do Meio Ambiente vai reforçar o combate às queimadas com mais 149 brigadistas, chegando a 209 nos próximos dias. "O principal vetor das queimadas é o desmatamento. Não existe fogo natural da Amazônia", afirmou Marina Silva.

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Folha de S. Paulo

Seção: Ambiente Caderno: B Pagina: 1